

Clair Lima Vasconcelos¹
Regina Chicoski²

Resumo: As presenças da memória, literatura e história são enfoques de discursos analisados nesta releitura da obra *Terra Vermelha* de Domingos Pellegrini Júnior. A importância desse romance homônimo dá-se no resgate das raízes da identidade e de fatos históricos que marcaram a colonização de Londrina. José Pellerini e Vó Tiana são os fios condutores da narrativa. Eles são os avós do autor-narrador e através do mecanismo da memória discursiva relembram a trajetória que fizeram pelas trilhas das matas e das margens dos rios que correm pelo norte paranaense. A memória é uma ponte que liga o passado histórico em *Terra Vermelha* ao presente inovador de Domingos Pellegrini no <www.sitioterravermelha.com>. Nono José conta sua história. O neto reconstitui a trajetória. Através da memória e das suas relações intra-discursivas entre a história e a literatura, as pessoas são lembradas e se eternizam. Este estudo pretende destacar as relações entre a memória e a criação literária, *Terra Vermelha* de Domingos Pellegrini Jr. a partir da teoria de Halbwachs (2006). “A memória é um trabalho sobre o tempo, mas o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo”.

Palavras – chaves: Memória, História, Literatura, Domingos Pellegrini e Identidade paranaense.

Abstract: The presences of the memory, literature and history are approaches of speeches analyzed in this re-read of the *Terra Vermelha* book's by “Domingos Pellegrini Júnior”. The importance of this homonym romance gives in the rescue of the identity source's and the family inserts in the settling of “Londrina”. The grandparents, José Pellerini and Tiana are the conducting wire who through the speech memory remembers the trajectory for the wood's tracks and river's bank that streams in north state “Paranaense”. The memory is a bridge that binds the historical past to the innovative present of “Domingos Pellegrini” on www.sitioterravermelha.com. An old man tells his history. A man re-establishes this trajectory - its grandson. Through the memory and its relations with the history and literature the people eternalizes. This study intends to detach the relations between the memory and the literary creation, Domingos Pellegrini Junior's *Terra Vermelha* in keeping with the theory of Halbwachs(2006). “The memory is a work about the time, but the time lived is connected by culture and by individual”.

Key- Words: Memory, History, Literature, Domingos Pellegrini, paranaense Identity.

O estudo da obra *Terra Vermelha* de Domingos Pellegrini Jr., o qual se define “um contador de histórias”, mostra que no estilo literário do autor, as marcas da oralidade procuram trazer para a literatura recursos da linguagem coloquial-popular. Este estilo revela o uso da linguagem utilizada pelo povo do Norte paranaense. A linguagem presente na obra interage com discursos de várias etnias e cria como mecanismos de adequação ao meio, a oralidade. A terra vermelha espaço físico onde se passam os acontecimentos da narrativa é também espaço real da terra roxa

1

1. Pós – Graduada do Curso de Especialização em Literatura e Contemporaneidade. UNICENTRO, 2007.

2. Professora Orientadora Doutora Em Letras: Teoria Literária e Literatura Comparada. Departamento de Letras, UNICENTRO, PR.

de Londrina. Esta terra tem o solo fértil, que é bom para o cultivo do café, da cana e de uma diversidade de plantas.

Este foi o fator que motivou a vinda de imigrantes para este local. O escritor Domingos Pellegrini Jr. escreveu *Terra Vermelha*, situando-a dentro de uma perspectiva histórica, com as marcas da memória discursiva, do tempo, espaço e historicidade. O romance revela a relação de apego que o autor demonstra pela terra em que nasceu. Observa-se essa identificação em todas as suas obras, pois este mesmo espaço serve de pano de fundo para as narrativas que já lhe renderam dois prêmios: O primeiro foi o prêmio Jabuti no concurso de 1977 com a publicação de *O Homem Vermelho*, uma coletânea de contos (1977). O segundo prêmio obtido foi mais um Jabuti da Literatura, com a obra *O Caso da Chácara chã* no ano de 2000.

A criação verbal da obra *Terra vermelha* só foi possível porque foram acionados os mecanismos discursivos da memória. Os fatos relatados e rememorados pelo autor-narrador comprovam essa afirmação. A leitura desta obra levanta dados do discurso que envolve aspectos históricos, sociais, familiares e literários, e à luz da memória fazem as conexões na narrativa. A fundamentação desse estudo está centrada no aparato teórico fornecido por Maurice Halbwachs (2006) e complementado por Ecléia Bosi (2004) e Maria Ester Maciel (2004). A tríade entra em consenso ao afirmar que as lembranças são objetos, que têm contornos bastante definidos e que podem ser representados por: pessoas, fatos, idéias, sensações, imagens, cenas, discursos, etc. Segundo Halbwachs se há a recordação é porque efetivamente “esses objetos rememorados tiveram e mantiveram um lugar muito definido, uma realidade substancial na narrativa de histórias” (2006, p. 62). A condição necessária para que haja evocação de memória, ou para que se reproduzam na mesma ordem, é que o autor–narrador tenha vivenciado (pelo menos em pensamento) no mesmo ambiente esses fatos.

A história de Nono José, personagem que protagonizou a obra *Terra Vermelha*, ao ser narrada provoca reflexões no leitor sobre a existência humana, a memória dos fatos familiares e as contradições que envolvem a sociedade. A estratégia de Pellegrini foi contar a história num jogo entre o passado e o presente. O autor ficcionalizou a realidade e construiu uma narrativa onde as personagens se identificam com tipos que realmente existiram na colonização de Londrina. Os sujeitos históricos presentes na diegese, voltam-se para o espaço físico como o núcleo que desencadeia todos os diálogos presentes neste romance. Este livro foi o ponto de identificação do autor com o espaço em que vive. O mecanismo da memória intra-discursiva (as lembranças) resgata a caminhada da família Pellegrini. Ao mesmo tempo em que narra sobre si mesmo, utiliza o mecanismo da memória para marcar o tempo, o espaço, a política, o trabalho e a vida de velhos imigrantes, moradores de Londrina. BOSI endossa essa questão ao afirmar que:

A memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura que faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade em que se insere. (...) Uma história de vida tal qual essa não é feita para ser arquivada ou guardada

numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu (2004, p. 69).

Bosi também declara que a pedra de toque para entender, buscar o significado, interpretar fielmente uma pesquisa autobiográfica é a leitura crítica. Se a pesquisa é autobiográfica virá o êxtase de se ver projetado nas cenas descritas, pois o que se passa nessas narrativas são sempre descrições das ações humanas, comuns a todos os homens. Por isso gera emoção e a reflexão interior. *Terra Vermelha* é um romance autobiográfico e épico, porque ao narrar a história da família de Domingos Pellegrini Jr., narra também a vinda dos imigrantes durante a colonização.

O autor traz a reflexão sobre a vida do avô, Nono José, e o desencanto do velho com o mundo. A leitura desta obra desperta um olhar para a situação da velhice no seio da família, na sociedade industrial, a incapacidade para o trabalho, a luta para se livrar dos estigmas impostos pela sociedade, etc. Desperta também a necessidade de conhecer a história da colonização do país. Ao percorrer as trilhas dessa narrativa através da leitura, caminha-se junto com os imigrantes pelos campos e matas que um dia foram devastadas para se construir as cidades. O desenvolvimento da região começou com a vinda de colonos ingênuos, bastante crédulos, que desmataram e construíram o primeiro povoado ao longo do tempo.

A cidade é um espaço determinado por sentidos e sujeitos produzidos por uma memória

Em 1850, quando o Paraná deixou de ser província de São Paulo, o governo do Paraná iniciou uma campanha para atrair novos imigrantes. Entre 1853 e 1886 o estado recebeu cerca de 20 mil imigrantes. José Pellerini era um deles. Ao fixar residência no povoado de Londrina, começou a perceber a realidade e a necessidade da vinda dos colonos para aquele local. Os colonos fizeram a trajetória movidos pelo sonho de enriquecer. Grande parte deles eram perseguidos políticos, ou renegados religiosos da Europa, alguns fugidos da miséria na Itália, ou ainda do serviço militar da Espanha. Ali estavam convivendo muitas raças, com línguas diferentes. Mas todos queriam uma nova vida. No começo dizia o Nono José: “Londrina era uma Babel”. “Andavam juntos na terra vermelha: portugueses, espanhóis, japoneses, alemães, poloneses, húngaros, tchecos, russos, suíços, dinamarqueses, australianos, belgas, letões, povos que ajudaram a construir Londrina e o estado do Paraná de hoje” (p. 106). Eles trouxeram na sua bagagem cultura, costumes, tradições. Chegaram ao estado do Paraná procurando enriquecer. E desenvolveram a força do trabalho para abrir estradas e construir cidades.

Nesse sentido, os colonizadores construíram-se como homens fortes, pois o trabalho com a terra, a edificação de casas era duro. Muitos morreram por doenças, acidentes, ataques de animais. Outros retornaram para o local de onde vieram. Entretanto o que salvou a mão de obra no campo foi a plantação do café (p. 106). Paul Veyne discorre acerca das narrativas baseadas em fatos históricos: A história é a narrativa dos acontecimentos; tudo o mais decorre disso. Desta

forma não há escrita para esta história regional depende da argumentação. Às narrativas dos acontecimentos, não faltam temas nem métodos (1983, p. 27).

A história narrada contempla ora a ficção, ora a história real. Pelo viés da realidade as transformações das regiões colonizadas abrigam hoje grandes cidades e diversidade étnica. O que marcou foi o início: “eles vieram de três dezenas de países, de quatro continentes para ocupar um espaço de matas virgens no Norte do estado” (p.106). Pelos registros históricos o estado do Paraná foi colonizado por vinte e oito etnias (www3.pr.gov.br/e-paraná/pgetnias), acesso em 09/08/2007. Os dados de *Terra Vermelha* e da História oficial aproximam-se. Também faz parte desse relato além da trajetória dos colonizadores estrangeiros, a vinda dos migrantes brasileiros. Vinham pelas trilhas e pelos rios, fascinados pelas histórias, contadas pelos peões das companhias, sobre as estradas e o solo, que produzia muito café.

Ler a obra *Terra Vermelha* remete-nos ao passado do Paraná, resgata a ideologia das pessoas que aqui chegaram, trazendo um sonho de construção. A inquietação de muitos que saíram de suas pátrias, como Japão, onde estavam na miséria naquela época; italianos, perseguidos políticos; europeus religiosos; fugitivos militares espanhóis e também um grupo de nordestinos retirantes da seca, unidos aos trabalhadores da lavoura de Minas Gerais, que não encontrando mais como continuar com o plantio, buscaram o solo virgem de Londrina. É nesse contexto que se funde a identidade da família de Domingos Pellegrini Jr. O imaginário de Pellegrini é fortemente influenciado pelas manifestações da cultura regional, a qual compõe o pano de fundo da criação verbal, que vira uma saga, onde se tem início: *O Homem Vermelho* (1977), *Terra Vermelha* (1998), *Pensão Alto Paraná* (2005), *Notícias de Chácara* (2002) e atualmente a criação do site www.terravermelha.com. Assim se mostra o caso de Nono José em *Terra Vermelha*. Há um espelhamento do autor com seu avô, José Pellerini.

O autor coloca on-line as sinopses de todas as obras. Através do contato <d.pellegrini@sercomtel.com.br> x <clairvasc@hotmail.com> (02/05/2006), Domingos Pellegrini Jr. cedeu cópias de entrevistas dadas a blogs, revistas, universidades e também pesquisas e análises sobre as obras. Através de dados coletados nas entrevistas o conhecimento das idéias do autor fica mais claro. Mostra-se um escritor despreocupado sobre o fato de expor suas idéias e suas obras, bem como concede o direito de que o público leitor pesquise sobre as criações verbais de Pellegrini Jr. “As obras literárias pertencem aos leitores. ‘Um escritor tem uma função social, gera influência na sociedade’ e precisa estar aberto aos leitores” (PELLEGRINI, 2006). As cópias de entrevistas comprovam que não existe um meio de separar a vivência do autor, da vivência das personagens em suas obras. O autor Domingos Pellegrini Jr. enviou para este estudo três obras via-correio, *Notícias da Chácara* (2002), *Pensão Alto Paraná* (2005), *Terra Vermelha* (2003, 2. ed.). O site <www.terravermelha.com.br> é o sonho idealizado pelo autor para ter maior contato com o mundo. O site é também conhecido por sítio de hospedagem. E tem-se aí mais uma inter-relação, Pellegrini mora num sítio em Londrina e também tem um sítio na internet. O site é um veículo de divulgação das obras literárias de Pellegrini Jr. e está aberto a todos os autores que ali desejarem hospedar páginas, ou links.

Domingos Pellegrini Jr. fez da expressão terra vermelha uma marca pessoal. É um código que designa a forte relação que o autor tem com a terra vermelha, espaço acolhedor dos imigrantes dentre os quais estão os familiares do autor. Para conhecer Domingos Pellegrini Jr. o leitor tem disponível as obras literárias e o site. A busca da leitura, das trilhas à rede, fica mais fácil e próxima ao público leitor de todas as idades. A memória-discursiva é o método utilizado pelo autor para a criação literária. Nas obras, personagens e pessoas da vida real se fundem. Em *Terra Vermelha*, Pellerini, cidadão de papel, e Pellegrini autor, identificam-se. Pellerini vem para o norte do Paraná como colonizador, enquanto que Pellegrini sai do centro para viver como sitiante. Para o autor:

Convivendo com a natureza a criação do imaginário flui. Consegue-se a essência de descrever o tom harmonioso dos pássaros, a ligação com as coisas mais simples da vida, as árvores, as flores. A natureza, a família o torna liberto da metrópole, que o mantinha preso ao barulho e o deixava alienado do mundo poético (PELLEGRINI, 2002, p. 95).

Tudo isso faz com que o escritor se liberte da metrópole, que o mantinha preso ao barulho e o deixava alienado do mundo poético. Bakhtin argumenta que autor e personagem estão em locais diferentes. O teórico define a alteridade como o processo que situa o autor e a personagem, em planos diferenciados, porque as posições que ocupam na narrativa, são diferentes. *Terra Vermelha* é uma criação verbal autobiográfica. Assim sendo deveria registrar fielmente os fatos vivenciados pelo autor. Mas mesmo sendo autobiográfica, a orientação da obra situa-se nos planos dos valores da consciência. Bakhtin sustenta, na *Estética da Criação Verbal*, que autobiografia e biografia não apresentam em princípio uma demarcação nítida (1992, p. 165), e por isso ao confrontarem-se os papéis de avô enquanto personagem e neto enquanto narrador são partes do todo artístico. A pessoa que fala e a pessoa de que se fala não coincidem nos papéis. Autor e herói situam-se muito próximos por apresentarem valores comuns compartilhados. Este é um traço característico da obra *Terra Vermelha*. A autobiografia registra a historicidade da família do autor sendo narrada na estética literária. Entretanto o eu e o outro se explica no processo de alteridade do avô sobre o neto escritor e vice-versa. E isto fica claro em:

Os valores vinculados à existência da pessoa, determinada por suas propriedades, só concernem ao outro. Apenas o outro torna possível a alegria que sentirei ao encontrá-lo, ao estar com ele, o pesar que sentirei ao deixá-lo, a dor que sentirei ao perdê-lo: e é somente com ele que posso encontrar-me e somente dele que posso separar-me no espaço temporal. (...) Sou a própria condição da minha vida, mas não sou seu herói no plano dos valores. Meu tempo e meu espaço são o tempo e o espaço do autor e não o do herói, e essa espácio-temporalidade que engloba o outro, não minha passividade, mas minha atividade estética ante o outro, implica que eu lhe assegure a razão de ser e o acabamento (Bakhtin, 1992, p. 120-121).

Para Bakhtin há uma construção estética do herói pelo seu autor, mas quando é biográfico é parte integrante do todo artístico. Não poderia dentro desse todo, coincidir com o herói que também é parte integrante dele. Mesmo depois da morte de seu herói (avô) vem a memória e traz tudo de volta. As vozes do passado mostram que a memória tem um papel relevante nesta criação e na existência de Domingos Pellegrini Jr.. Os discursos presentes na obra apontam personagens que são o espelhamento das vivências reconstruídas no plano literário. Entretanto para entender melhor essa obra é preciso conhecer a vida de Pellegrini até o momento atual. Por esse ângulo percebe-se a influência das vivências sobre as personagens. Nas entrevistas para universidades, editoras, sites, Pellegrini Jr. fala de sua vida. Foi militante antigamente, um cidadão vigilante. Morou em Marília na adolescência. Pellegrini foi expulso da escola por ser considerado um transgressor (não se adaptava às normas). Na época de sua juventude foi militante de esquerda. Voltou a Londrina com 18 anos. Já pertencia à Dissidência Comunista Brasileira, cujo líder era José Dirceu. Formou célula em Londrina e militou durante dois anos, até que percebeu que não só a estratégia brasileira, mas a luta armada era furada. Nessas vivências tirou muitas lições. Uma delas veio de décadas depois desse enfrentamento. Um sargento conhecido confessou-lhe que sabia da sua posição. O SNI (Serviço Nacional de informações) tinha pedido providências. Mas ele arrematou: -“Você era um bom soldado Pellegrini. E o Exército não é para perseguir ninguém”. (Entrevista de Domingos Pellegrini concedida a Universidade Estadual de Londrina, 2002).

O envolvimento com o social, os planos da criação literária mostram os signos lingüísticos de um povo, de uma época. *Terra Vermelha* conta fatos da História do Brasil sobre a repressão e a revolta. É visível na narrativa as manifestações contra o governo da época, Getúlio Vargas (p. 265). Estes acontecimentos reconstituem-se na memória do autor-narrador e se unem aos sentidos comunitários, culturais, de onde presenciamos a identificação social e política da personagem Mané Filinto. Era um comunista. Esse diálogo entre as personagens mostra essa relação de esquerda em que “Zé do Cano diria que questões de heróis era com Mané, um homem cheio de heróis, Marx, Engels, Lênin, Stálin, Prestes: - Mas herói do povo mesmo Zé provocava - é Getúlio Vargas! - É Luiz Carlos Prestes, isto sim - Com a democracia agora no país. Era o fim da ditadura” (p. 265).

As falas de confronto apontam que a memória discursiva tem seu gatilho acionado pelo discurso, e este se materializa no diálogo. Há em Bakhtin e seus estudos sobre o dialogismo, um princípio filosófico que orienta o método de análise e investigação. Este princípio orienta a atitude do autor com relação às personagens dentro da perspectiva dialógica. O dialogismo reflete sobre as relações humanas e o mundo. As relações de dialogismo giram em torno da personagem principal Nono José. Ele dialoga com sua esposa e companheira no nível da paixão, mas sente-se contrariado quando ela toma a frente e resolve fazer doces para vender. Para ela essa é uma maneira de sustentar a família, ajudar nas despesas. Para Nono José é a comprovação da falta

de iniciativa dele. Afinal ele é quem deveria ser o responsável para garantir a subsistência (p. 77). Machado (1995) desenvolve através da obra *O Romance e a Voz*, a seguinte teoria:

[...] há uma relatividade na percepção única porque, entre a mente que percebe e a coisa percebida, há uma diversidade de focalizações. A percepção humana é comandada por uma lei do posicionamento que determina o prisma do campo visual de focalização. [...] Tanto a relação entre o autor e seus personagens, como a autonomia que os personagens conquistaram com relação ao discurso do narrador, foram definidos por Bakhtin a partir da lei do posicionamento e das relações de tempo e espaço que ela pressupõe (BAKHTIN Mikhail apud MACHADO, Irene A., 1995, p. 37).

Os posicionamentos definem os planos da criação literária de Pellegrini Jr. nesta obra. Na focalização sobre as personagens: Jeffrey, trabalhador da companhia, construtor de estradas, apresenta o discurso de um engenheiro defensor dos ingleses; Zé do Cano, o amigo, construtor, encanador, pedreiro, define-se como agente harmonizador. Mané Filinto é um crítico, de esquerda, confidente de José, amigo de todas as horas. Com Mané a focalização do narrador faz um desdobramento da vivência e da militância política de Pellegrini. Personagens e autor são simpatizantes do Marxismo, defensores das classes pobres e oprimidas. Os fenômenos discursivos travados na obra são vozes que interagem socialmente com o autor através do narrador. A cumplicidade do autor e do narrador aproxima-se do tom familiar. O outro é o espelho da criação. Nono José carrega a memória da vivência do avô de Domingos Pellegrini Jr.. A conservação da memória é repassada através da sua geração anterior. *Terra Vermelha* é seu ponto de identificação com o espaço em que vive. O mecanismo da memória intra-discursiva (as lembranças) resgatou a caminhada de sua família. O recurso literário de construção textual que o autor criou para contar a história que envolve passado e presente, consiste em preservar a vida do Nono José durante sete dias e nesta semana a revelação da memória vem carregada de afeto. Em uma das falas o avô assume o papel de narrador e descreve o neto, que conta a história para a noiva e também para o leitor, como o neto predileto. A memória guarda um caráter social. Esta reflexão está explícita em:

Relaciona a memória à participação em grupo social (real ou imaginário) em uma comunidade afetiva de forma que, quando nos lembramos deslocamo-nos de um grupo ao outro em pensamento. Acerca deste caráter social podemos pensar o quanto a memória do indivíduo depende das palavras dos outros, das histórias lidas ou contadas, das obras de arte, que são sociais, não só em termos do contexto em que estão inseridos, mas por serem produções históricas. (HALBWACHS, 1990, p. 51).

A memória, para Halbwachs, depende da linguagem, dos significados constituídos socialmente. Cada palavra do neto, que narra a história do Nono José para a sua noiva, faz acompanhar-se de lembranças antes de evocá-las. É a linguagem e todo o sistema das convenções sociais com ela solidárias que nos permite a cada instante, reconstruir nosso passado. O papel da lembrança também presente na narração revela o sentimento de pertencimento da memória como sendo exclusivamente de ordem privada, parte da experiência vivida pelo sujeito.

Nas sete noites em que Nono José ficou no hospital, ele ouvira do neto o relato de coisas, que já tinha esquecido muito antes do neto nascer. Embora parecesse que estava inconsciente, o sentimento que o invade paralelo às palavras do neto, informaram que ele queria permanecer em silêncio (p. 112). O retorno à história de Nono José comprova a teoria de Halbwachs de que a memória dos fatos familiares, do trabalho, dos amores, da participação política e social que marcou significativamente a vida da família Pellerini no Norte Paranaense são traços significativos de um tempo vivido da família de Domingos Pellegrini Jr.

O neto preferido (sem identificar-se como o neto referido, mas deixando pistas, para que o narratário descubra que Pellegrini Jr. é o neto citado) é uma estratégia do autor, para que não se desvie o foco dos dois personagens principais: José e Tiana. É a história dos dois que está sendo contada. O outro segmento da família é coadjuvante da trajetória. Nas outras seqüências narrativas recorda os casos contados pela família. De boca em boca de caso em caso, ele virou patrimônio familiar.

Um homem que só fez o curso primário, mas sempre estudou a vida, (o neto fala com verbos no passado como se o Nono já tivesse morrido). E depois de ser até tropeiro (como se isto fosse desonra; fluxo de pensamento do Nono), ele fez fortuna, embora sempre dissesse também que ninguém consegue dormir em duas camas nem almoçar duas vezes por dia (p. 31-32). Os discursos que se seguem são cheio de ideologias, como: “dinheiro vale a vida que se compra”. Um discurso forte indicativo do poder capital sobre a vida. A rememoração dá-se como num cinema, tendo como fundo, a parede do hospital, tal qual um telão, a vida do Nono passando ali (p. 32).

E a memória que envolve os escritores tem um veio social fortemente enriquecido pelas lembranças. Mas não deixam de lado a arte literária, a criação verbal que está baseada na estética e constroem cada obra com características próprias. No caso da Saga de *Terra Vermelha* o viés de construção é o regionalismo. O viés literário do regionalismo está centrado em Londrina. Da página 90 à página 117 há nos discursos de José, um convite que se repete para Tiana: - Vamos para Londrina. - É a melhor terra do mundo (p. 91).

Esta terra hoje concentra um espaço social de ocupação e miscigenação cultural. É muito forte essa representação. Por isso é natural que a criação literária retrate os todos os traços culturais e históricos dessa terra, dessa gente. Os discursos das pessoas que ali se fixaram formaram ideologias próprias e os repassaram através da memória. Halbwachs considera que basta que a atenção se volte para o passado para percebermos os vestígios, às vezes visíveis,

outras vezes inconscientemente conservados e reproduzidos pela memória para notarmos que os costumes modernos, os lugares, as maneiras de pensar das pessoas repousam sobre camadas antigas, que afloram em mais de um lugar. A Literatura une-se à História e à Sociologia para ajudar a esclarecer esses fenômenos. Halbwachs reforça essa teoria ao afirmar que:

Ao lado da literatura, do pensamento intelectual letrado, correm as águas paralelas, solitárias e poderosas da memória e da imaginação. A história não é todo o passado e também não é tudo o que resta do passado. Ou por assim dizer, ao lado da história escrita há uma história viva, que se perpetua ou se renova através do tempo, na qual se pode encontrar novamente um grande número dessas correntes que desapareceram apenas em aparência (2006, p. 87).

A história dos imigrantes e dos migrantes mostra fatos que falam da contra-história. A leitura de *Terra Vermelha* deixa claro que eles vieram na mesma época para vários lugares do Paraná e que precisaram enfrentar problemas de todo o tipo. Muitos morreram. Até criar laços de entendimento e propriedade no lugar no qual se estabeleceram houve sofrimento, trabalho árduo e mortes de muitos deles por falta de recursos básicos. Essa leitura crítica direciona a busca de outras pesquisas para que novos olhares oportunizem reflexões do mundo vivido pelo eu interior do leitor, pelo espaço da cidade, do estado, do país, para o mais distante. O trabalho com a memória discursiva procura a compreensão da formação da identificação dos habitantes dessas cidades paranaenses, através dos encontros das culturas. Esse processo que nasce da convivência da diversidade cultural, étnica e social contribuiu para o desenvolvimento das cidades e promoveu e proveu o sustento das famílias da colonização. A cultura da formação do local de vivência precisa ser observada, reciclada, para que haja interação. É necessário conhecer e transformar o conhecimento das situações de enraizamento em situações de discursos sociais. Do fazer para o dizer como fazer, para que a porta do meio do espaço Paraná possa abrir-se com sentimento de receptividade à formação da identidade na união da diversidade social.

Se há tantos indicadores que descrevem e justificam a história, a cultura e a sociedade, deve se lançar mão da estética literária para melhor compreender a sensibilidade das pessoas que ocupam esses espaços. O que a memória dos londrinenses guarda e os faz renovados a cada dia, a ponto de obterem mais investimento dos setores públicos e governamentais? Por que a educação em Londrina é mais assessorada que em outras cidades maiores e mais antigas. O que esta cidade tem a mais que as outras? Há uma fala crítica em todas as situações sociais. Condenam a passividade e querem conquistar o espaço social. A maioria dos escritores paranaenses denuncia por esse viés as questões sociais. Dentre estes escritores, Pellegrini lança um olhar bastante observador sobre Londrina. O romance épico *Terra Vermelha* é uma prova desse olhar. Bakhtin menciona que o homem constrói sua existência dentro das condições sócio-econômicas objetivas, de uma sociedade e salienta:

Somente como membro de um grupo social, de uma classe social é que o indivíduo ascende a uma realidade histórica e uma produtividade cultural. O nascimento físico não é uma condição para o homem ingressar na história, pois o animal também nasce fisicamente e não entra na história. Portanto é necessário um segundo nascimento, um nascimento social. Não se nasce organismo biológico abstrato, mas camponês, ou aristocrata, proletário ou burguês (1981, p. 34).

Dessa forma, a ligação do homem à vida e à cultura se dá por meio da realidade social e histórica. A realidade para ele é essencialmente contraditória em permanente transformação. O escritor Pellegrini Jr. lembrou e através da memória reconstituiu os fatos econômicos, sociais, humanos da década de 50 (p.10). A estratégia foi lançar-se como narrador e contar a história num jogo entre o passado e o presente. Para os leitores conhecer a literatura do espaço em que vive é desenvolver a capacidade de identificar-se com a cidade, com o estado e com o mundo. A narrativa adiciona elementos que ajudam a entender melhor a formação do povo brasileiro (p.10). É a junção das etnias da colonização do Norte pioneiro. A trajetória inicia em São Paulo e vai até o Norte paranaense. O relato “se desenrola como num filme, que começara em 1929, ano em que o moço conhece a moça que seria a Vó Tiana. Conforme ela contaria aos filhos e netos pela vida afora, sempre quando ele, José, estivesse fora de casa. De modo que ao ouvir o relato das memórias, é também para Nono José uma história nova em que ele é visto por aquela que foi, como dizem a luz dos seus olhos” (p. 32). O neto-narrador ao contar a história do avô, relata a versão que ouvira da avó. Nono José mesmo enfraquecido pela velhice e em estado de semiconsciência vê a sua história em planos: o plano da memória individual: o plano da memória de Vó Tiana; o plano da memória do neto-narrador e ainda a memória coletiva que guarda os acontecimentos da época.

Braga escreveu um artigo intitulado, *Memória e Literatura* e recorre a Bartlet (1920-1932), um estudioso da memória, que reproduziu histórias como um de seus métodos de pesquisa. Na década de 30 Bartlet e outros psicólogos estavam interessados na interdependência entre a recordação e percepção, imaginação e pensamento contrário, bem como nas condições especificamente sociais que marcam estes processos. O aparato teórico de Bartlet faz correlação com *Terra Vermelha* de Domingos Pellegrini Jr. nas histórias narradas através da memória. Bartlet explica que através das rememorações pode-se traçar uma linha de vivências que explicam o comportamento social das pessoas. *Em Terra Vermelha* todos os relatos que formam o espaço da narrativa têm como suporte os acontecimentos históricos e sociais da época da colonização do Paraná. Bartlet fala que pelas trilhas da memória, lembram-se os caminhos, a lembrança amplia, às vezes aumenta, outras vezes omite, modifica, simplifica, inventa. Quem recorda conta sempre outra história (BARTLET apud BRAGA, 1932, p. 239, 314). Essas ocorrências ficam claras quando se reflete que o mundo está em constante mudança. E como método, a memória se materializa dando enfoque aos fatos do passado. Maciel apresenta um estudo sobre *A Memória*

das coisas e descreve que “as recordações ao se materializarem trazem abordagens coletivas, de uma época, de grupos, da cultura. A memória é um instrumento de avaliação, comparação e evolução dos fatos presentes” (MACIEL, 2004, p. 68).

A teoria de Maciel comprova que pela literatura a história de Pellegrini passa a fazer parte da memória coletiva do estado. Todo o referencial que retoma fatos históricos e sociais é de interesse dos grupos, aos quais fazem referência. Os grupos sociais guardam a memória do que é mais significativo para eles. Cada grupo social tem uma história, que se estende por um período. Neste distinguimos personagens e acontecimentos. Mas a memória possui mecanismos de associação. Halbwachs descreve a importância dessas associações em:

As semelhanças associam-se e passam para o primeiro plano das lembranças. Ao examinar o passado os grupos sociais percebem que continuam o mesmo e tomam consciência de sua identidade através do tempo. A História deixa passar os intervalos de tempo em que nada acontece de maior relevância. Por isso muitas vezes limita-se a repetir sem ruptura ou perturbação os fatos do cotidiano.. Mas os grupos sociais, que vivem em primeiro plano para si mesmos, visam perpetuar os sentimentos e as imagens que formam a substância de seus pensamentos. “É o tempo decorrido durante o qual nada se transformou que ocupa o maior espaço em suas memórias” (HALBWACHS, 2006, p. 108).

Esse viés teórico comprova porque a obra *Terra Vermelha* ao narrar uma história típica de um casal de imigrantes é considerada sob o ponto de vista dos críticos paranaenses “uma literatura épica, guerreira, libertadora” (NETO & MARTINS, in contracapa da obra). A memória individual alimenta-se da memória coletiva. A memória autobiográfica insere-se na memória histórica. “O ato de lembrar das vivências do novo recupera o tempo e garante a sua perpetuidade” (HALBWACHS, 2006 p. 39). É o que ocorre enquanto o neto narra, Nono José vai passando a limpo os fatos de sua vivência. Com as vozes do passado, o mundo dos velhos é mais ou menos intenso, mais um mundo da memória. Bakhtin desenvolve a idéia das vozes a partir do romance de Dostoievski, que ele chama de romance polifônico. “As vozes são a expansão da noção de diálogo” (1997, p. 87). No universo artístico do autor há uma multiplicidade de vozes e consciências independentes. A consciência das personagens se converte em arena de luta das vozes dos outros (p. 87). Há grandes monólogos interiores dialogados, que podem ser associados ao monólogo interior no qual se envolve Nono José. Ao escutar sua história sendo contada ele revive as vozes, com as quais se confrontou, ou se identificou. E o próprio livro é uma narrativa das vozes da memória do avô, da avó, dos amigos, da família Pellegrini. Bakhtin explica a presença das diversas vozes:

Após criticar a lingüística estrutural e a poética formalista – por reduzirem a linguagem a um código e negarem o discurso como uma ponte lançada entre duas pessoas socialmente constituídas-Bakhtin se empenha em lançar as bases

de uma nova lingüística, chamada de “translingüística”, [...] cujo objeto não é mais o enunciado, mas a enunciação, isto é a interação verbal. Bakhtin analisa, em particular, a forma pela qual as vozes dos outros - autores anteriores, destinatários hipotéticos - misturam-se à voz do sujeito explícito da enunciação (1992, p.15).

Também há na obra um diálogo que interage com as vozes bíblicas. É o que reforça o misticismo do narrador pelo número sete. *Terra Vermelha* é o mundo do Nono José que foi relatado em sete dias e sete noites. Os capítulos da história dele são contados em sete dias. O narrador dá pistas, que os sete dias em que o Nono José fica no hospital fazem uma metáfora aos símbolos numéricos usados no livro bíblico, Gênesis na Criação do Mundo. “Abençoou o sétimo dia e santificou-o, visto ter sido neste dia que Deus repousou de toda a obra de Criação” (cap.2, v. 3). A memória do narrador dialoga com uma multiplicidade de discursos. As vozes bíblicas interagem com a obra. Deus completa sua obra no sétimo dia. Nono José descansa no leito de morte também no sétimo dia. É a metáfora da criação. A criação literária se relaciona com a criação do mundo.

A obra registra muitas passagens em que a religiosidade se faz presente. Observa-se esse viés na narração das cenas envolvendo Vó Tiana tomando a comunhão na missa aos domingos (p. 47). Mas as crenças religiosas das personagens não são centradas no catolicismo. O discurso do narrador amplia-se para o sincretismo religioso (as várias crenças e religiões convivendo em harmonia). Essa reflexão está comprovada na descrição da personagem ao receber uma entidade espiritual na sessão de Candomblé. Este fato assusta Nono José e Maria Arrumadeira, empregada da pensão (p. 427). E ainda na mesma página um dos netos ao ver um cachorro morto na rua, pergunta à avó se “os bichos são católicos, se eles perdoam os homens pelas maldades que fazem aos animais”. E a avó explica “que perdoam, porque todos no mundo são cristãos” (p. 427). É um discurso inerente ao Cristianismo. O perdão retoma a fala de Jesus Cristo na Cruz: “Pai, perdoai, porque eles não sabem o que fazem” (LC, 39, 41).

O discurso do narrador e das personagens distingue catolicismo e cristianismo. Bosi explica essa distinção ao esclarecer que catolicismo refere-se a religião católica. Os valores do cristianismo estão presentes em todas as religiões e crenças, que seguem os princípios cristãos. A pluralidade no mundo não é só social, ou cultural é também pluralidade religiosa. Porque fora os agnósticos (ateus) os cristãos subdividem-se em uma infinidade de crenças (2003, p. 87). As crenças são necessárias ao fortalecimento do espírito do homem. A trajetória da família Pellerini é acompanhada de orações murmuradas na contemplação das estrelas (p. 177).

A importância das trilhas na obra na obra *Terra Vermelha*

As trilhas são os caminhos que as pessoas escolhem para iniciar a construção de suas vivências. A narrativa de Pellegrini Jr. mostra num discurso de tom poético como foi o início da

vida dos avós. A família de Nono José morava em Rafard. A família de Vó Tiana residia em Capivari. As cidades ficavam próximas uma da outra, mas mantinham certa rivalidade. A explicação é que a cidade de Rafard nasceu como distrito de Capivari. E foi crescendo com os investimentos feitos pela usina e deixou para trás a cidade de Capivari que já existia há meio século. Por isso os moradores das duas cidades competiam nos jogos de futebol, festas religiosas e nas romarias que faziam pelo Rio Capivari. Os moradores de Rafard e Capivari só ficavam juntos quando trabalhavam na usina. Esta era o foco central da região. Para o povo de Capivari tudo estava em paz até surgir Rafard (p. 34). O nome Rafard veio de um francês que tinha este nome. Ele tornou-se conhecido ao abrir as primeiras fazendas de cana, paralelas ao rio Capivari na parte de cima. Segundo o povo do lugar, esta usina foi visitada até pela Princesa Isabel. Os franceses construíram fileiras de casas formando também as plantações de café, ao longo do rio, mais abaixo. Assim se observam os estrangeiros de Rafard rio acima, enquanto os brasileiros imigrantes, ou nativos, plantam e colhem o café na parte mais baixa do lugar que circunda o rio (p. 35).

O discurso de poder do povo estrangeiro sobre o elemento nacional, é visível, da página 31 até a página 50. E se faz presente em nossa memória, o conhecimento obtido na escola com as aulas de História do Brasil. A Revolução industrial modificou o comportamento do meio rural. O povo que trabalhava na zona rural deixa o seu patrimônio e vem para a cidade em busca de melhoria de qualidade de vida. Foi um grande problema, pois na cidade transformaram-se em mão de obra assalariada. Logo perceberam que o trabalho temporário e o salário diário não era suficiente para manter a família com qualidade de vida. Trabalhavam muito, mas o lucro era do patrão (STECA, 2002, p. 197). Esse deslocamento é conhecido como êxodo rural e as ferrovias contribuíram para transportar as pessoas, suas famílias, seus e produtos até às cidades. Antes este tipo de trabalho era feito por tropeiros. O transporte era feito por cavalos e mulas. Quando a usina foi instalada provocou o fim da procura pelo trabalho manual. Engenhos de cana, as olarias, o trabalho de guias pelas matas que provocavam a abertura de povoados, e o carregamento de carga, gado tudo o que pudessem transportar era feito pelos tropeiros. E este ciclo se fechou quando aqui se instalaram as ferrovias. Foi um golpe para os produtores rurais. “Os imigrantes não vieram para cá só pelo sonho de buscar riquezas, mas para lidar na indústria e na terra” (p. 35). A memória discursiva trabalha com o discurso fechado, próprio da narrativa épica.

Segundo Kristeva a memória serve também para manter as tradições de um povo. Os italianos guardam muitas tradições. Uma delas é registrar os momentos e as épocas através das fotografias. O neto - narrador lembra da avó dizendo que as fotos da família eram feitas para durar. Cada filho receberia uma foto. Isto significava uma cópia e um registro da família. As duas fotos deles passariam toda uma vida juntas, na mesma página do álbum sem amarelar, sem desbotar. Até que um dia, ela diria: como eram boas as fotos de antigamente. E ele diria: - “Tudo era feito para durar, até o casamento” (p. 45). As fotos são objetos, que fazem com que a memória retorne com maior clareza. No mundo moderno esse comportamento de valorização do casamento e da família mudou. A pressão exercida pela rapidez dos acontecimentos transformou

o cotidiano das pessoas. O homem atual não tem tempo de viver momentos simples em que o pensamento possa fluir sem ser condicionado a uma obrigação. Por isso há a necessidade de voltar-se para o passado.

O homem precisa encontrar-se. Por isso quer um “tempo melhor”. E um recurso para comparar a vida do homem do passado, com a vida do homem do presente é procurar lembrar das épocas remotas. Antigamente tudo era mais duradouro, mais saudável e as pressões menores. Aqui se observa a importância da memória individual.

A preservação da memória ganha status de direito e de cidadania, quando o homem lembra de seus grupos sociais e de que maneira participou neles. Incluindo representações culturais de uma época ou grupos sociais, a memória apresenta-se como organismo coletivo. O que era memória individual, no caso das fotos de família passa a ser memória coletiva quando recorda que o governo brasileiro exigia foto da família para legalizar a permanência do estrangeiro no país. E a cena na foto é vislumbrada na memória: “Ali estavam eles sérios em volta da mãe sentada, com o pai ao lado, os filhos ficavam em pé; a irmã usava uma blusa rendada, os meninos estavam de calças curtas, com paletós de gola e botinas” (p. 56-57). “Ninguém sabia ao certo se Nono José nascera no Brasil, se viera na barriga da mãe. Os parentes comentavam que mesmo que não fosse natural do Brasil, ele já era meio brasileiro por causa da assimilação da cultura” (p. 57). Com essa afirmação o narrador demonstra que era importante para seu avô sentir-se parte integrante do Brasil, possuir essa nacionalidade, mesmo antes do nascimento.

Também descreve o quanto eles eram fortes e batalhadores. Ele Nono José, ela, Vó Tiana, ambos eram cortadores de cana. Ele de pele clara, ela de pele morena. Quando eram namorados, as famílias incomodavam-se com a mistura das raças, pois ele era italiano de Rafard, ela era mulata de Minas Gerais. Ele nem ligava para isso tanto que um dia ele perguntou “-Por que você vem tanto na Igreja de São Benedito? E ela surpreende-se: Por quê? Ela encarou: - meu avô era preto, e eu sou mulata, não viu? Nem parece, ele responde. E diz que italiano não gosta de preta, não é?” (p. 51). A família dele fazia questão de mostrar que detestava negros. Mas ele faz questão de ressaltar que não tinha preconceitos. E afirma que quando os familiares dele vieram da Itália, também tinham sido tratados como escravos. Isso aconteceu até chegarem os calabreses. “O primeiro calabrés que levou um empurrão, devolveu com facada e no mesmo dia começaram a ser tratado como gente” (p. 52). Os brasileiros têm um discurso pré-concebido herdado dos tempos de escravidão que é explicado por Orlandi:

É a linguagem fazendo sentido, porque em seu processo de significação problematiza a relação de sujeito com a história. Uma história de racismo herdada pelos anos de escravidão que se coloca numa relação que é muito mais que rejeição. É um preconceito instalado levantado através da análise do discurso. A memória toma características de interdiscurso quando retoma um dizer pré-construído, ou já dito está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra (2005, p. 38).

Para Orlandi “o como se diz, o que se diz é o processo de análise da materialização lingüística”. O próprio sujeito da enunciação marca o que diz e fornece pistas para compreendermos o modo como o discurso se textualiza (p. 67). O discurso do José da Tiana fornece pistas para que se compreenda que os italianos tinham preconceito contra os negros. Para os brasileiros existe o fator cultural da escravidão que deixou marcas na história do país. As palavras refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis. É desse modo que a história se faz presente na língua. Os fatos da linguagem não são fechados. Os discursos se estabelecem com relação a um discurso anterior e aponta para outro. É uma fonte inesgotável que se alimenta da memória.

A Memória é um mecanismo condutor

O fio condutor da memória na obra *Terra Vermelha* é muito forte quando relembra a Itália. Os parentes de Pellerini, todos italianos diziam que quem vem da Itália, com um relógio e uma mala, tem que morar perto de quem veio da Itália com um relógio e uma mala. “A riqueza era a família, a sua tradição” (p. 56). Essa fala que atravessa a obra é carregada de marcas de identidade, mostrando que não são só fatos que as pessoas rememoram, mas também a cultura, a tradição, o modo de ser e de pensar, etc. Enfim o ser humano desenvolve vivências que se cristalizam na memória e estas atravessam as gerações. Para Halbwachs a ação dos homens “perpetua-se e se renova através do tempo e discursos, que outros tomaram como modelo de costumes e tradições. Estes moldam opiniões, e vários comportamentos sociais que se recriam temporariamente” (2006, p. 86).

E um dos discursos presentes na narrativa traça este modelo de pensamento numa conduta ética. Nono José lutou nas revoluções da década de 30, ganhou título de herói. Mas não queria ser mito, pois não conseguia aceitar, nem entender uma luta de brasileiros contra brasileiros. Este discurso traz para o leitor uma declaração: não deveria existir luta entre cidadãos da mesma nação. No seguimento da história o cotidiano dos casais jovens que têm dificuldade em conseguir trabalho se repete tal qual na vida real.

Pelas trilhas de Rafard ele não conseguia trabalho, nada dava certo. Tentou ser dono de farmácia, mas não se enxergava nesta função. Pelas trilhas do interior de São Paulo foi tropeiro. Tudo ia bem até a necessidade de defender seu rebanho e matar um companheiro que traiu sua confiança, querendo roubá-lo. Este incidente fez com que abandonasse essa função. Seus irmãos o consideravam um homem que azarava. O misticismo supersticioso destes fazia com que tecessem comentários maldosos sobre o fato, de que quando ele chegava tudo piorava. Esse tipo de memória discursiva vem da intuição das camadas mais crédulas da sociedade. Sempre há necessidade de justificar os acontecimentos. E o povo vê na seqüência de insucessos de uma pessoa um fator que traz azar. Mas em outra cena da história a voz de Tiana conforta José dizendo que não colocasse idéias ruins na cabeça. “Ele só não tinha achado sua verdadeira

vocação”. Segundo Tiana “José precisava descobrir o que gostava de fazer. E para isto, tinha que descobrir o que fazia bem feito e o deixava feliz” (p. 71). É um discurso de voz feminina que conforta e resgata o valor do homem que ama. Porém, estava depressivo e não tinha vontade de procurar qualquer trabalho. Entretanto em todos os lugares que ia, escutava os comentários sobre a possibilidade de enriquecer no Norte do Paraná.

Andando pelas trilhas do Rio Tibagi, ouvia falar das terras de Londrina: “a cidade dos ingleses, um verdadeiro Eldorado do café” (p. 10). Conforme também menciona o crítico Afonso Romano de Sant’Anna no Prefácio de *Terra Vermelha* (p. 11). Pessoas do mundo inteiro procuravam Londrina. Esse foi um relato tecido com informações históricas. Halbwachs comenta que a História lança uma ponte entre o passado e o presente, e mostra os fatos que marcaram épocas. Também acrescenta que é preciso recriar correntes de pensamento coletivo, que tomam seu impulso no passado, porque só temos por enquanto, influência sobre o presente. Halbwachs reforça que “Por meio de um trabalho minucioso, os historiadores podem redescobrir certa quantidade de fatos grandes e fatos pequenos, que se acreditavam perdidos para sempre, especialmente quando tema sorte de encontrar memórias inéditas” (HABWACHS, 2006, p. 85-86).

A memória guarda os comentários sobre a terra vermelha do Norte paranaense e como esse fato se espalhou pelo Brasil na década de 50. O mesmo aconteceu na Amazônia com a lenda do Eldorado. Essa lenda faz parte da América Latina e conta que havia tanto ouro naquela região que os homens que se banhavam no Rio Orenoco entre o Brasil e a Colômbia, no coração da Amazônia, saíam dourados. Ali nas serras do Pacaraíma via-se esse enorme lago, rodeado de montanhas, onde existiam muito ouro e pedras preciosas. Era a lenda do Eldorado. Essa lenda foi passando pelo mundo inteiro e provocou a vinda dos exploradores com o objetivo de achar esses tesouros. Entre o romance *Terra Vermelha* e a lenda há o diálogo do sonho, das pessoas que partiram para terras desconhecidas para conquistar riquezas. A lenda menciona:

Uma tradição ritual está na origem da lenda de Eldorado. A lenda ainda estava viva quando os europeus chegaram à América do Sul. Ouviram falar dela e imediatamente imaginaram as toneladas de ouro e esmeraldas que deviam estar depositadas no fundo da lagoa. Milhares de conquistadores as procuraram. Ninguém jamais as encontrou. Dizem que até hoje há homens que sondam incansavelmente as lagoas a leste das duas montanhas "sagradas", onde a Colômbia encontra o Brasil. Eles estão em busca do Eldorado. (GENTILI, 2001, disponível em <www.novaescola.abril.br>, acesso em 20/05/2007).

A memória do povo relembra a lenda do Eldorado. O crítico retoma a lenda para explicar a expectativa que a terra vermelha despertou nas pessoas na época de 1950. *Terra Vermelha* torna-se a terra prometida, promissora, o pivô da história para atrair a força de mão de obra campeira. Esses fatos da História do Paraná aliam-se à narrativa ficcional de Domingos Pellegrini, numa

manobra de despertar significação e veracidade à obra. Também porque Pellegrini direciona sua obra com um viés histórico, próximo do real. Essa característica está presente em todos os gêneros que ele produz. O olhar do leitor é impelido a refletir sobre vários fatos idênticos que fizeram parte da História do Paraná e da História da formação do povo brasileiro. A historiadora paranaense Altiva P. Balhana fala dos acontecimentos que envolveram a colonização do estado paranaense e do país e conclui:

Em todo o país os mesmos dados históricos nos registros mostram uma sociedade heterogênea, composta por índios e africanos. Estes marcados pela escravidão identificaram-se com a formação étnica do Brasil. Porém essas características de aproximação alteraram-se durante e segunda metade do século XIX. E aqui no Paraná pelas transformações econômicas da sociedade tradicional, a força de trabalho do campo evadiu-se, ora representada pela venda de escravos no mercado interno e pela entrada de novos contingentes populacionais, a vinda dos colonos (BALHANA, 1969, p. 29).

A obra de Pellegrini narra a vinda da imigração, situando-a no espaço histórico do Norte do Paraná, o encontro de trinta e três etnias, que foram responsáveis pelo início da formação das cidades. Entretanto o que havia aqui antes da colonização confronta-se com os relatos históricos. “Nosso início foi marcado por uma sociedade patriarcal latifundiária com registros de monocultura escravocrata. Essas estruturas demográficas mudam, mas isso só acontece mais tarde por volta do século XX, quando já era proibido o tráfico de escravos. A crise da falta de mão de obra para a lavoura de café e sua subsistência determinou a necessidade da vinda de colonos laboriosos e determinados a encontrar um bom lugar para fixar-se” (FREYRE, 1933, p. 19).

É o que se vê descrito na obra *Terra Vermelha* de Pellegrini. Londrina “A Londres dos Ingleses” foi na realidade uma apropriação dos estrangeiros, uma cidade que foi pensada, planejada. Por isso o estudo da memória, enquanto agente de registro de fatos históricos e sociais, proporciona uma análise dos discursos desta obra, e ao mesmo tempo nos remete à apreciação da estética literária de Domingos Pellegrini. Os relatos na obra têm marcas das narrativas orais. À medida que se lê a história, vem à tona a forma ininterrupta de narração que deixa implícito os sinais de pontuação e os verbos das frases. São as marcas de estilo literário própria da contemporaneidade. Dessa forma, uma verdade histórica também se revela como ficção. Gomes recorre a George Slusser e afirma “na ficção histórica, o que determina o nosso senso de tempo narrativo e, de certa forma, garante sua existência, não é a história, mas a historicidade. E isso cria diferentes estruturas narrativas” (SLUSSER apud GOMES, 1988, p. 15).

Essa teoria desenvolve a idéia de tempo contínuo na narrativa. O passado e o presente se mesclam na narrativa ao trabalhar com temas históricos. Dentro do plano literário o autor desenvolve uma narrativa tendo como pano de fundo os fatos históricos de uma época. A estética literária recria a realidade. Os personagens da ficção vivem situações idênticas, ou parecidas com

as pessoas do universo real. E ao ler os romances regionais ou épicos tem-se aí a narrativa de fatos históricos que são reconhecidos, modificados e reconstruídos. Um desses fatos narrados na obra é a trilha que os ingleses estavam seguindo pelo Tibagi seguindo os trechos da ferrovia. Ali iam construir uma grande companhia para todos. A primeira parada foi em Cornélio Procópio. Foi nessa viagem que José Pellerini tornou-se um agenciador de terras. E partiu tão rápido que dispensou a jardineira, preferindo o cavalo. O moço inglês era mister Jeofrey. Ele era o representante da Companhia de Terras. “Ele falava com orgulho do Norte paranaense.” No outro lado do rio, as árvores são maiores, a terra vermelha, roxa como diziam os italianos, era macia e linda. “Era a melhor terra do mundo” (p. 90-91). O discurso do Inglês revela um tom apelativo para convencer possíveis desbravadores. Nada foi dito que pudesse dar idéias negativas sobre o local. Nono José compreendia que muito trabalho deveria ser feito. “No meio da viagem estavam as terras que circundavam o Rio Paranapanema.” Ali o capim era mais alto que os homens, viam cafeeiros que davam meio saco cada um, mandiocas de arrobas, algodoads da altura de um milharal e pés de milho com três espigas grandes” (p. 91).

À medida que o neto-narrador descreve os fatos, observa-se a articulação do passado e do presente sem desviar o tom histórico. E se por um viés o romance histórico fica preso aos acontecimentos reais, por outro ângulo desperta curiosidade ao revelar a essência dos acontecimentos. As vozes da narrativa envolvem o plano do sujeito ou locutor: narrador, personagens; interlocutor, leitor, destinatário, bem como as vozes de outros textos, com os quais a narrativa dialoga. Esse processo é conhecido como intertextualidade “um texto retomando outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 70).

Pelas trilhas da memória, as vozes do passado tornam-se presentes

Terra Vermelha apresenta sua escritura em blocos. As vozes da memória discursiva que vem do passado formam o bloco da família de Nono José e Tiana. O passado e o presente se cruzam ao narrar a velhice do Nono José. O fechamento da história ocorre com a morte dele. O outro bloco que se intercala é o do neto que assume o papel do narrador. As pistas encontradas através da leitura indicam que o neto é o autor Domingos Pellegrini. Os planos da narrativa intercalam-se, como capítulos de uma novela. Um após o outro, e às vezes são relatados juntos. Um outro fator contribui para despertar a atenção sobre a construção da obra. É a mudança de narrador. Na maior parte da estrutura narrativa é o neto narrador quem conta a história. Mas em alguns relatos o próprio Nono José coloca sua fala. A fala do Nono José manifesta-se no episódio em que o neto e a noiva estão no quarto do hospital: “no sofá de visitas do hospital, entre um botão e outro da blusa de sua noiva o neto segue contando as histórias do Nono. Depois o silêncio. Um silêncio que fala muito” (p. 250). Quem vê o desenrolar das cenas da blusa sendo aberta aos poucos é o velho num piscar de olhos remexendo-se na cama. Os movimentos dele na cama indicam o quanto as cenas o perturbam. Bosi menciona como os velhos sentem o desejo sexual e que “o velho ao passar a limpo os fatos de sua vida pensa no esquecimento e no desejo

da própria vida. É o testemunho mais convincente que a pessoa tem o fato de lembrar. É a sua memória” (2004, pág. 68).

As impressões deixadas pela memória discursiva relatam como o texto vai tomando significado. Num tom poético descreve as vivências do casal e o relacionamento sexual. “Nono José era um garanhão na cama” (p. 63). A natureza do homem misturava-se à natureza exuberante do Norte paranaense: A reprodução das espécies apresentava-se muito próspera. Os colonos descreviam figueiras brancas, que nem dez homens abraçavam, perobas de quatro metros, cafeeiros tão altos que se colhiam de escada. E os terrenos eram colocados à venda com vários anos para pagar, sem entrada.

Há um discurso pronto afirmando que após a colonização a natureza sofreu com o desmatamento. É um diálogo com as lembranças que denuncia o presente sem árvores, pássaros, com poluição sonora e também dos rios, etc. No entanto “quando chegaram à Terra Vermelha tinha mato por todo lado, a capoeira avançando na estrada, em alguns pontos precisava afastar os galhos para passar. Os cavalos só reconheciam o chão seguindo a trilhas batidas de pneus” (p. 97). A formação da metrópole destruiu o espaço nativo das matas e também a possibilidade do homem viver de maneira mais simples em harmonia com a natureza.

Um velho ouve sua história sendo contada. Preferiu ficar em silêncio (p.112-113). Orlandi explica pela análise do discurso que os silêncios do texto falam muito. O silêncio do Nono José é a maneira que ele acha de mostrar sua indignação com a vida, porque a velhice roubou-lhe a energia, a vontade de viver. Ele se revoltava com a família porque sabia que eles esperavam a morte dele. O problema dos velhos atinge a sociedade. Na narrativa a questão é discutida a partir dos sentimentos de Nono José. Orlandi desenvolveu estudos sobre o discurso enquanto prática social. As práticas sociais são as ações humanas que envolvem o comportamento do homem em relação à: família, estudos, religião, cultura e as tradições, o mundo do trabalho, etc. (2001, p. 93).

O discurso marca as relações do homem na sociedade através da linguagem. Na leitura de *Terra Vermelha* os discursos se ampliam e pontuam vários discursos. No discurso da ecologia percebe-se o pesar da devastação das matas e da natureza que existia antes; um silêncio de indignação entre as promessas do reflorestamento e a falta de investimentos dos governos; há um discurso de sofrimento nas falas das personagens ao tratar da dureza do trabalho que se submeteram ao chegar a Londrina; abre-se espaço para mostrar a supremacia do capital estrangeiro dos ingleses e franceses nas operações da colonização do Norte paranaense.

O discurso histórico é pontuado em toda a narrativa. Kristeva explica que um romance baseado em fatos históricos, também conhecido como épico tem um discurso pré-concebido, e o interdito (o já-dito), não abre espaço para a interlocução (1974, p. 87). Há silêncios pontuados nas entrelinhas. Os silêncios envolvem a leitura e dão margem aos discursos da contra-história. As revelações dos discursos do silêncio é um dos temas preferidos nas abordagens de Orlandi. Em vários estudos Orlandi cita Foucault para fundamentar as teorias da análise do discurso. Uma dessas teorias explica que:

A produção histórica fala sobre os espaços, enquanto a construção de poder e dos recortes como objetos. Estes permitem a explicação dos processos históricos inseridos nos seus enunciados. Também considera a condição “sine que non” da possibilidade de reverter ao tempo, a recorrência regional permite reconstruir memórias através dos documentos de suportes. FOUCAULT (apud Orlandi, 1992, p. 8-9).

O grau de relevância desses discursos e memórias levantadas depende das circunstâncias. A História tem como base as circunstâncias reais. A Literatura pode lançar mão da História para recriar a partir das circunstâncias históricas. Bosi contribui para que essa reflexão torne-se mais clara. Ela retoma a teoria de Le Goff e afirma: “memórias narradas, podem transformar-se em memórias históricas”. Poder, história e memória podem ser discutidos nos seios das configurações (2004, p. 15). As circunstâncias históricas que servem de eixo norteador para o desenvolvimento de *Terra Vermelha* é a vindas dos imigrantes para o Norte pioneiro. Por envolver informações sobre a cultura, espaço e épocas anteriores, Domingos Pellegrini explica (contato via e-mail para a pesquisadora Lima Vasconcelos, 20/11/2006) que levou quatro anos (1999-2003) revisando este romance. Precisou pesquisar Antropologia, História, Filosofia, Geografia, Teoria Literária, para construí-lo. É um conhecimento que envolve o método histórico e o método autobiográfico. *Em Estética da Criação Verbal*, Bakhtin esclarece que o herói autobiográfico precisa reconhecer-se também no outro. Bakhtin teoriza esse pensamento da seguinte forma:

Uma parte considerável da minha biografia só me - é conhecida através do que os outros - meus próximos - me contaram, com sua própria tonalidade emocional: meu nascimento, minhas origens, os eventos ocorridos em minha família, em meu país quando eu ainda era pequeno. Esses elementos são necessários à reconstituição um tanto quanto inteligível e coerente de uma imagem global de minha vida e do mundo que a rodeia (1992, p. 176-177).

O infinito somatório das percepções vividas e depois mescladas e guardadas como lembrança está em permanente movimento. As lembranças do passado selecionam e determinam novas percepções, não se pode esquecer que “é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde” (Bosi, 1979, p. 10). A intensidade da rememoração varia conforme fatores individuais. Ecléia Bosi fala das memórias mais intensas e como retornam em momentos que contem particularidades semelhantes. Em *Terra Vermelha* estas recordações estão relacionadas ao prazer sexual (p. 139) Nono José teve um casamento instável com Vó Tiana. Ao longo de sua história envolveu-se com outras mulheres (p. 326, 328). Esta memória é muito sofrida para ele. O neto-narrador relata os relacionamentos sexuais do avô. Nono José em seu estado

semiconsciente ouve e sofre. O sofrimento vem da versão que Tiana repassara para a família. Nono José traiu Tiana muitas vezes. A educação machista que influencia todos os homens acompanha as gerações através da memória coletiva.

O relacionamento sexual está centrado no corpo. Este é testemunho da dor, ou do prazer. É um depositário das memórias. Halbwachs considera-o como a própria memória das sensações eróticas. O passado sentido (e retido) no corpo é contado pela recriação do prazer, pelo toque de outro corpo, um outro constituinte de ações possíveis e mensuráveis. O sujeito poético rememora o isolamento da imagem da dor, ou do prazer. Mas e se nos propuséssemos à negação das lembranças dos relacionamentos e preferíssemos viver na solidão? A própria existência teria significado? Um grande amor como o de Nono José e Vó Tiana, não cai no esquecimento. Os pequenos poemas de Tiana revelam essa memória. O neto registrou-os em um caderno de poesias cada vez que ela recitava os poemas, ele anotava-os no caderno.

Do registro desses pequenos poemas há um que é a expressão do puro sentimento:

É botão em flor
 Coração da gente
 Quando sente amor.
 (Pellegrini, p. 46).

Muitos destes poemas estão disponíveis no site www.terravermelha.com. O autor os faz possam ser considerados como haikai pela estrutura, são criações do autor que os batiza de haicaipira. Relaciona-os à temática rural, com simplicidade e linguagem do cotidiano, mas sem o mesmo número de sílabas. E justifica:

O haikai tradicional tem cinco, sete, cinco sílabas poéticas. Nos haicaipiras, ou haicais feitos no jeito do sítio, quebra-se a modelagem rompendo com o sistema métrico tradicional (afinal essa desmontagem de regras vigora com o Modernismo desde o século passado). Mas quebrar a modelagem não significa que este gênero literário não segue as regras poéticas de convenções estéticas e sociais. O perfeccionismo é doença. As molas são prisões coloridas. Os modelos são adequados. Sair dos modelos é provar a autenticidade. Disponível em: <www.terravermelha.com> (Acessado em 25/05/2007).

Quando é questionado sobre esta comparação, justifica os haicaipiras como poeminhas rurais. Conserva a influência das vozes dos antepassados, que estão em todos os atos da sua vida. Essa polifonia envolve as vozes poéticas que herdaram as vivências através da oralidade. Os escritores têm um veio social fortemente enriquecido pela memória oral. Sempre fazem questão de afirmar que toda a criação verbal está baseada na estética e que cada obra tem características próprias. Mas antes de construir a obra literária ouvem as narrativas do povo. No

caso da Saga da Terra Vermelha as narrativas orais que influenciaram a obra vêm das vivências do autor. Sua mãe tinha uma pensão que abrigava muitos viajantes. E ele memorizava as histórias contadas pelos hóspedes. Portanto é natural que essa criação literária conserve os traços orais. A representação do social mantém discursos impregnados de ideologias da linguagem oral. A Literatura oral é um campo do conhecimento que envolve fatos históricos, sociais e psicológicos. A oralidade contribui para a formação da identidade de um povo. A linguagem de múltiplas etnias mescla-se e prevalece a língua do local. A cultura dos imigrantes passou pelo processo de aculturação. O intercâmbio das culturas forma outras culturas, que propiciam a adequação ao novo espaço social e convivências humanas. A identificação dos habitantes dessas cidades paranaenses precisou dessa junção e do sentimento coletivo para promover e prover o seu sustento. Por isso a cultura da formação do local de vivência precisa ser observada, reciclada para que haja interação.

Pelas trilhas da leitura e a atenção.

Os estudos que situam o papel da memória em *Terra Vermelha* exigem múltiplas leituras. É um livro com 470 páginas narrado na linguagem do cotidiano. Depende da atenção do leitor para entender o que foi contado pela memória e como foi recriado pelo viés literário. Os relatos da memória são construídos por recortes. São os recortes da vivência da família Pellerini que se interpõe. A todo o momento durante a leitura vêm os questionamentos: o que fez esse avô depois de ser vendedor de terras, ganhar muito dinheiro? Ajudar na pensão da esposa? Como foi a transformação da pensão em hotel? As respostas estão ao longo da narrativa. Tudo isso realmente aconteceu. Mas a memória apresenta com maior relevância o que foi importante na vida do Nono José. E o que se torna claro é a importância dos amigos, da família nesta trajetória. A atenção redobrada sobre os capítulos finais desperta a atenção sobre estes fatos: aos 65 anos resolvera aposentar-se por conta própria, dali em diante fugiria de quem falasse em dinheiro e em trabalho. “Nono José afirmou que tinha pegado nojo de dinheiro” (p.13-14). Vivera numa época explorando, sendo explorado. Esse discurso mostra que ele tinha dinheiro, mas não estava feliz. O dinheiro não trazia de volta para ele a juventude.

E a atenção para os contrastes da narrativa foi necessária. Nono José foi senhor, escravo, civilizado, selvagem. Precisou dividir a herança, classificar as amizades, conquistar a confiança da mulher com quem casara, subjugar-se a autoridade do governo e dos impostos, nomear os filhos no testamento, interpretar os sentimentos da família quando estava à beira da morte no hospital. São discursos que marcam pontos e contrapontos. É uma posição dialética (pontuar um assunto, analisar os ângulos da defesa e da crítica), que reflete as ações entre as personagens, o narrador e o leitor. Esse processo se reflete na relação autor-narrador de *Terra Vermelha*. É o mecanismo da memória discursiva que estabelece essa relação. A memória traz para a narrativa alguns discursos que chocam o leitor. Muitos destes discursos ficam nas entrelinhas da leitura. É o caso relatado nas cenas que envolvem o Nono José no hospital em coma, ouvindo a neta dizer para

sua nora “quando o Nono José morrer, vamos ter dinheiro para ir à Disneylândia, não é mãe?” (p. 26). O silêncio do nono é indicativo de uma realidade familiar e da falta de afeição. Por isso prefere ficar imóvel.

Em outro relato crítico Nono José manda chamar os filhos. Ao conversar com eles avisou que escolhessem cada um a sua casa, entre as casas de aluguel que tinha. Passara a vida adquirindo terras, comprara muitas casas. Queria dividir os bens em vida, para não perder tempo e dinheiro com a partilha. Mas só tomariam a posse depois que ele morresse. Só que em quanto vivesse, ficaria com os aluguéis (p. 64). Pra não depender de governo, nem de filho, ele justificava. Essa é uma postura que vem da herança dos italianos. Sentia sua imobilidade diante da família, já não fazia parte dela. Sabia que a família já esperava a morte dele. É uma voz que traz sentimentos por tudo o que foi, e que está indo embora com a velhice. A memória discursiva mostra a família com a descrição de filhos e netos, mas não os nomina como parte integrante do enredo. São personagens panos de fundo. Depois da partilha queria voltar a pé olhando a cidade. Parou numa árvore tão podada que ficou sem folha. Quase foi atropelado. Sentia a diferença do antes e o de agora. Estes planos da narrativa onde conta a história dele e quando o neto narra a história através da memória discursiva, ele acompanhava com um diálogo interior num processo de alteridade. Aquele era o outro eu, que se dava a conhecer pela voz do neto. E os planos do tempo se alternam. Tanto que são vários os tempos da memória. “O tempo faz pesar sobre nós um impiedoso constrangimento, seja aborrecimento, por pressa ou passagem da infância, a velhice, do nascimento à morte” (HALBWACHS, 2006, p. 149).

Há uma relação de dependência entre a cidade e o homem que a habita. A memória da cidade do passado está presente no cotidiano de seus cidadãos. A cultura da diversidade étnica e a terra vermelha de Londrina é a construção desse imaginário. A narrativa do livro vem rápida muitas vezes sem pontuação, alicerçando a rapidez das lembranças, que emociona o narrador deixando-os sem fôlego ou pausas. Também é um recurso da linguagem popular que flui livre sem prisões em normas, regida pela memória discursiva deixando fluir o pensamento. Orlandi fala sobre a memória urbana, sujeitos e sentidos. “Cada vez que o sujeito faz algum gesto em relação à memória da cidade está ratificando-a, ou modificando-a” (2004, p. 83). Em *Terra Vermelha* o narrador descreve a cidade como quem a conhece como quem faz parte de sua história, permitindo que o interlocutor acompanhe-o ao “caminhar pelas ruas e bairros, de uma cidade distante anterior as grandes transformações” (1932, p. 278). A reflexão do hoje é de dor e amargura pelo que mudou. FARACO & TEZZA desenvolvem estudos sobre as teorias de Bakhtin. Pela teoria de Bakhtin os discursos refletem os contextos histórico-sociais aos quais se referem:

(...) faz uma aproximação da heterogeneidade do discursivo preconizado pela escola Francesa. Argumenta que dentro de uma dada situação lingüística o falante/ouvinte produz uma estrutura comunicativa que se configurará em formas padrão relativamente estáveis, pois são formas marcadas a partir de contextos sociais históricos. Dependem do contexto de produção e dos falantes /ouvintes

que produzem, os quais atribuem sentidos a determinado discurso (1993 p. 200, 279).

A cidade é uma grande concentração de sujeitos. Há um movimento constante em prol da subsistência humana. O desafio é tornar possível a convivência dentro de um espaço que qualifique a vida, respeite a memória e as diferenças materiais que existem entre os habitantes desse espaço. Na evolução da cidade de Londrina as vozes da *Terra Vermelha* transmitiram sensações tristeza e perdas. Nono José repassa essa sensação no diálogo que faz com os netos: “Já andei demais nessa terra”. Andar no asfalto não tem graça, bom mesmo era andar na mata, abrindo trilhas à foice e facão, em capoeira bruta, uma hora de trabalho para andar à distância de um grito. Os netos sorriam (p.16). O neto - narrador teve acesso a dois tipos de memória: a memória longa dos tempos passados e a memória curta dos fatos vividos numa época mais atual. A relação do leitor com o narrador é dominada pelo interesse de reter o que foi narrado. A primeira leitura deposita as informações na memória curta. “As demais acontecem em períodos mais longos”. “Estes períodos exigem uma ligação com um prolongamento da memória curta, transita até a memória longa que contem a capacidade de reproduzir acontecimentos distantes” (HALBWACHS, 2006, p. 152). Domingos Pellegrini Jr. seguiu as estratégias da memória curta, iniciou o livro contando a história do avô já velho próximo da morte, caminha através da memória longa para a juventude e início da vida dos avós juntos. A memória curta serve para continuar o nosso sentido do presente. A memória longa estabelece sentidos duradouros, semanas meses, anos.

Memória Curta x memória Longa

A memória longa volta-se para os tempos de militância do autor. Domingos Pellegrini Jr. projeta em seu herói, Nono José, o discurso político de esquerda. As reflexões sobre o capitalismo emergem em *Terra Vermelha*. Nono José considerava-se um pé vermelho. Pela Análise do Discurso é a cor da esquerda. Capitalista é pé vermelho. Dá uma margem à dupla leitura. Vermelho, pela origem, natural da terra vermelha. E pé vermelho também por ser simpatizante do Marxismo. A crítica marxista da personagem recai sobre a Companhia de terras. A tão planejada colonização dos ingleses na verdade era muito simples. “Pela voz marxista da personagem Mané Filinto: - “Vivem de explorar, As instituições são todas capitalistas. Todas exercem poder sobre o povo. A igreja (poder religioso), a Prefeitura (poder político), o Fórum (poder da regulação) e os Cartórios (poder de registro) devem ficar no centro da cidade” (p. 150). Também as pessoas que tinham maiores posses, construíram suas casas nas ruas centrais. Nas ruas paralelas em xis, os bancos e o comércio foram organizados de forma estratégica. Ficaram muito próximos aos bancos, na parte alta da cidade. As partes baixas das cidades deixaram para o povo.

É o discurso que prova o distanciamento entre as classes. Nas laterais da baixada deixaram para as casas de prostituição. Junto colocaram um boteco em cada esquina, com

bebida barata para dopar o povo. A memória levanta dados críticos. A diferença de classes é natural do capitalismo. O Manifesto Comunista registra que “a burguesia compreende a classe dos capitalistas modernos e os proletários compreendem a classe dos trabalhadores assalariados modernos que, privados de meios de produção próprios, se vêem obrigados a vender sua força de trabalho para poder existir” (MARX & ENGELS, 2007, p. 6).

As vozes sociais simpatizantes de Marx fluem em *Terra Vermelha* (p. 295, 312). É a comprovação da importância desse discurso na narrativa. Mané Filinto levanta a bandeira do Comunismo e ataca o Capitalismo. O comportamento dessa personagem espelha-se no discurso de seu criador; escritor, publicitário, pé vermelho, palestrista, chacareiro, pai de quatro filhos, militante político. O símbolo da ideologia de esquerda do autor fica claro nos títulos das obras a metáfora da cor: *Terra Vermelha*, *Homem Vermelho*, *Sítio terravermelha.com*.

O escritor Luiz Fernando Emediato, editor da obra *Terra Vermelha* descreve-a como romance épico, pois se fundamenta num apoio histórico (PELLEGRINI, 2003, contracapa da obra). O discurso histórico-político encontra respaldo na memória discursiva do escritor Domingos Pellegrini Jr. e o que a história não ousa dizer sobre a revolta do povo, pelos lucros gerados e a mão-de-obra escravizada, à qual ficaram expostos os colonos na década de 50, vem à tona através de *Terra Vermelha* no discurso ficcional. Todavia essa obra está alicerçada em valores humanos. O neto - narrador rememora as palavras de seu pai, fazendeiro de Londrina ao pé da cama do hospital onde o avô encontra-se em coma. “Estou falando da maior e mais rápida devastação florestal do mundo, aqui no Norte do Paraná”. E é rebatido pelo neto “__ A terra está morrendo! Todo dia! Com erosão, vento, seca, inseticida, herbicida, trator!” (p. 2003). A preocupação com o meio ambiente é um dos traços de Pellegrini Jr. Essa preocupação está presente está descrita no discurso ecológico de Nono José. Observando a cidade desenvolvendo-se e as ações do desmatamento prevalecendo viu que já não tinha árvores. E pediu ao prefeito para plantar por toda cidade árvores de todas as espécies. Até abaixo de chuvas. ele saia com guarda chuvas enterrando as mudas (p. 278). A obra registra com orgulho esse comportamento de Nono José.

Para unir os enfoques históricos e sociais de *Terra Vermelha* à condição de obra literária o autor criou o neto - narrador como desdobramento de Domingos Pellegrini Jr.. É um narrador onisciente homodiegético. As personagens de *Terra Vermelha* de Pellegrini são as vozes sociais captadas dos viajantes e contadores de histórias que se hospedavam no Hotel Pioneiro de sua mãe, e na barbearia do pai. Gostava de ouvir os causos, anedotas, conversas e através deste pode recriá-los a seu modo usando sua linguagem e os recursos da época, por isso sua linguagem recebeu uma gama de influências da oralidade. Assim ele pode se envolver na existência humana, penetra no passado, o vivido, o presente e o mantém na memória para compor sua obra. Na atualidade a marca terra vermelha está presente no site <www.terravermelha.com.br>. A internet promove a continuidade da *Terra Vermelha*. Vermelha é a sua cor por não aceitar a passividade do povo brasileiro diante das mazelas nacionais. O sítio se soma a todo aparato anterior de divulgação de suas obras “A grande mudança editorial se dará

pela internet. As pessoas poderão imprimir em casa livros, revistas, jornais que chegarão com rapidez e custo compatível. Vai coexistir com a banca e as livrarias, pois o homem não fica ilhado em casa“ (Pellegrini, *Gazeta do Povo*, CAD, G, 13/06/2005).

O fim e o começo se unem

Ao final do Sétimo dia a passagem, o delírio, o sonho: - Tiana de rosa branca na mão. Dizendo “sou eu sim, José, falei que existe muita coisa em que você não acredita” (p. 452). São dois mundos. O mundo da vida nesta terra e o outro para o qual todos retornam. A agonia da morte atinge a memória de Nono José. A memória do velho Nono é um fio indivisível. Através das lembranças Nono José revive rapidamente suas memórias em vários tempos: a juventude, o namoro com Tiana, o nascimento dos filhos, a vinda para Londrina, a Pensão, a Hospedaria, o Hotel Pioneiro, emprego como corretor de terras, a riqueza, os amigos, a política, a família crescendo, as viagens com Tiana para o estrangeiro, a morte de Tiana, a velhice, o testamento, a doença, o silêncio do hospital, as amarguras geradas pelos filhos que esperavam a morte do Nono José, o reencontro com Tiana. O momento do retorno para outra vida junto à Tiana é descrito envolto numa aura poética. Tiana retorna e explica que veio buscá-lo:

[...] Olha, eu pensava que tinha errado em tomar a frente de tudo, como mulher e como mãe, mas agora entendo que não, você tinha o seu karma para cumprir, cada filho tem o seu. José, eu entendi o que padre disse no nosso casamento, nenhuma folha cai à toa, nenhum fio de cabelo, tudo faz parte de tudo. Se você fosse agora ao meu túmulo veria que tem umas rachaduras e que nelas nasceram plantinhas que estão florindo. A gente flore também. Cada um flore do seu jeito. E você vai florir através das palavras. Um neto nosso, com esse gosto que os Rodrigues e os Pellerini têm pelas palavras vai contar uma história que agora mesmo está saindo da tua cabeça para a dele. Você tinha o seu karma para cumprir (p. 452- 453).

É um discurso poético criado pelo autor como um mecanismo que suaviza o choque da morte do herói da narrativa. Para o leitor não fica tão decepcionante o término da leitura. O Nono morre em paz. Vê a amada Tiana e compõe um final romântico. O leitor gosta de finais felizes. Criar um eufemismo na morte como uma passagem para outro plano é um recurso para fechar a história de maneira agradável. Nono José ganhou respeito e carinho do leitor durante a narrativa. A frase final “José descansa em paz na Terra Vermelha” permanecerá na memória do leitor.

Considerações Finais

Ler *Terra Vermelha* sob a perspectiva da memória é uma das possibilidades de leitura. A obra dá margem a vários estudos. O personagem Nono José representa todos os imigrantes que

integram nosso país. A relação escritor/leitor/texto coloca o leitor num distanciamento, porque ao travar conhecimento com a narrativa precisa buscar o isolamento para refletir sobre as vivências das personagens, que espelham o comportamento coletivo do povo brasileiro. Também é necessário buscar outras fontes de leitura, que contemplem a História da época para compreender melhor os significados das vozes de Terra Vermelha. É uma história, na qual a própria narrativa se circunscreve. A memória e a estética predominam na história. As lembranças: a família, a pensão, o povoado, os amigos, a paixão por Tiana, a traição, o dinheiro, a euforia da venda de terras, os discursos da política, a descrença nas autoridades, o respeito pela natureza, a não aceitação da morte, a estranha memória espiritual de Tiana, estruturam um campo semântico. O centro desse campo é Nono José e o discurso das práticas sociais que o envolvem. Escritor e leitor vivem a narrativa literária da obra *Terra Vermelha*. A experiência estética tematiza os sentimentos que se expõe pela memória. O universo de sentimentos da personagem Nono José fica exposto. Em nome da história ele torna-se o representante dos colonizadores do Norte paranaense. Os historiadores podem duvidar das certezas que compõe os fatos da obra. Mas o livro discute a memória enquanto produção simbólica e parte do imaginário social de Domingos Pellegrini Jr. para narrar fatos da imigração. A leitura aponta as pessoas simples, seu ritmo lento, o cotidiano dos imigrantes. Pellegrini recortou uma cidade em construção sem esnobismos lingüísticos e falsos exotismos. O desenvolvimento econômico se justifica a partir do exercício da lembrança, enquanto discurso e linguagem.

Referências Bibliográficas

BALHANA, Altiva Pillati et alii. *História do Paraná*. 2. ed. Curitiba: Gráfica Editorial Paraná cultural, 1969.

BAKHTIN, Mikhail. Peculiaridades do gênero do enredo e da composição das obras de Dostoievski. In: *Problemas da Poética de Dostoievski*, 2. ed. Tradução Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1929, 1977.

_____. *Questões de Literatura e estética*. Tradução Aurora. Fornoni Bernardini et al. 3 ed. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *Problemas da Poética de Dostoievski*. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Universitária, 1981.

_____. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes 1992.

_____. *Para uma filosofia do ato*. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza *Toward a Philosophy of the act*, 1993; Anotações sobre Bakhtin. Disponível em: <<http://www.unicamp.br>> acessado em: 27/07/2007.

- _____. *Marxismo e Linguagem*. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BARROS, D.L. P.. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: Brait, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. São Paulo, editora da Unicamp. 1997.
- BARTLET, F.C. remembering a study in experimental and social psychology: Cambridge University Press. In: BRAGA, Elisabeth Santos. *Memória e Literatura*. São Paulo: Campinas, 1977. Disponível em <www.fae.unicamp.br/br 2000r>. Acessado em 20/06/2007.
- BOSI, Alfredo. *A Dialética da Colonização*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOSI, Ecléia. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Edusp, 1979.
- _____. *O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003/2004.
- _____. BRAGA, Elizabeth dos Santos. O trabalho com a literatura: Memórias e Histórias. *Caderno CEDES v. 20 n. 50*. Campinas, 2000. Disponível em: <www.scielo.com.br> acessado em 20/06/2007.
- COSTA, Alcindo et alii. *Bíblia Sagrada*. Edição Papal. Trad. Missionários Capuchinhos. Lisboa: Instituto Bíblico Província dos Padres Capuchinhos; *Gênesis*, 2, 1-3, 1971.
- _____. *Bíblia Sagrada*. Edição Papal. Trad. Missionários Capuchinhos. Lisboa: Instituto Bíblico Província dos Padres Capuchinhos; Lucas, 39, 41.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 10 ed. Tradução Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graan, 1992.
- _____. *As palavras e as coisas*. Tradução: Salma Tannus Michail. 6 edição. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1933.
- GENTILE, Paola. E a História se repete: A Lenda do Eldorado. *Nova Escola*. Edição 144, 2001. Disponível em: <www.novaescola.abril.br>. Acessado em 26/06/2007.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. Tradução de Leon Shafer. São Paulo: Vértice, 1990.
- _____. *A Memória Coletiva*: Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.
- LE GOFF, J. e NORA et al. *Novos Problemas, Novas Contribuições, Novos objectos*, Amadora, Bertrand. São Paulo, Campinas: Ed. Unicamp, 1977.
- _____. *História e memória*. São Paulo, Campinas: Editora Unicamp, 1994.
- MACHADO, Irene A. *O Romance e a Voz: a prosaica dialógica de Mikhail Bakhtin*. Rio de Janeiro: Imago/Fapesp, 1995.
- MACIEL, Maria Ester. *A Memória das Coisas: Ensaio de Cinema, Literatura e Artes Plásticas*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

MARX & ENGELS. *Manifesto Comunista*, (1953, 1872). Disponível em < www.vermelho.org.br>, acessado em 15/07/2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos*. 6 ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 2005.

_____. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

_____. *A Linguagem e seu Funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.

PELLEGRINI, Domingos Jr.. *O Homem Vermelho*. Contos. São Paulo: Ática, 1997.

_____. *Terra Vermelha*. São Paulo: Moderna, 1998.

_____. *Notícias da Chácara*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2002.

_____. *Terra Vermelha*. 2 ed. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

_____. *Pensão Alto Paraná*. 3 ed. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.

_____. *O Caso da Chácara Chão*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.

_____. Entrevista 3 X PELLEGRINI, Caderno G, *Gazeta do Povo*. Romance, antologias de Contos e livro de poesia revelam faces de um mesmo escritor. Entrevistador: Irineo Neto em 13/06/2005.

_____. Entrevista para a Universidade Estadual de Londrina. *Pesquisa do Departamento de Letras*, (2002). Cedida pelo autor Pellegrini Jr. via e-mail: clairlima@hotmail.com x dpellegrini@sercom.com.br para este trabalho, 21/11/2006.

_____. Entrevista para Alex Almeida (2005). *Sou o historiador que pesquisa*. Cedida para esta pesquisa via e-mail: clairlima@hotmail.com X dpellegrini@sercomtel.com.br, 21/11/2006.

SLUSSER, G. apud GOMES, Anderson Soares. Narrando fatos. História e Historicidade. In: *O Homem do castelo Alto*, de Philip K. Dick, 1988. < www.filologia.org.br/anais/caderno_07e_08> Acessado em 08/07/2007.

STECA, Lucinéia Cunha & FLORES, Mariléia Dias. *História do Paraná: do século XVI à década de 1950*. Londrina: Ed. UEL, 2002.

VEYNE, Paul. Como se escreve a *história*. 2. ed.. Brasília: Unb, 1992.

<www.terravermelha.com.br>. Acessado em 13/05/2007.

<www.londrinatecnopolis.org.br>. História de londrina. Acessado em: 20/07/2007.